

Referências Bibliográficas

- ALMINO, João. “O diálogo interrompido”. In: JUNIOR, Benjamin Abdala (org.). *Incertas Relações*. Brasil-Portugal no século XX. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s.d.
- _____. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1967.
- _____. *Macunaíma*. Ed. Crítica (coord. Telê P. Ancona Lopez), Coleção Arquivos, Unesco/Ed. UFSC, 1996.
- _____. *O Banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- _____. *Obra imatura*. São Paulo: Martins, 1960.
- _____. *Poesias completas*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.
- _____. “Modernismo e Ação”. In: Jorge Schwartz, *Vanguardas Latino – americanas*, pp. 475-478.
- ANDRADE, Oswald de. A exposição Anita Malafatti. *Jornal do Comércio*, São Paulo, 11 jan., 1918. In: *Brasil: 1º. Tempo Modernista – 1917-29*, p.50.
- _____. *A utopia antropofágica*. 3ª. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1992.
- _____. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 2004.
- _____. *Os dentes do dragão*. Entrevistas. São Paulo: Globo, 1990.
- _____. *Pau Brasil*. 8ª. ed. São Paulo: Globo, 2002.
- _____. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 1991.
- _____. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. 3ª. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. *Serafim Ponte Grande*. 9ª. ed. São Paulo: Globo, 2004.
- _____. *Um homem sem profissão: Sob as ordens da mamãe – Memórias e confissões*. 2ª. ed. São Paulo: Globo, 2002.
- ANTELO, Raúl. “Gilberto Freyre: alteração e iteração”. In: *Gilberto Freyre e os Estudos Latino-americanos*. Instituto Internacional de Literatura Ibero Americana. Universidade de Pittsburg, 2006.
- _____. “Prefácio”. In: ANDRADE, Oswald de. *Primeiro caderno do aluno de poesia de Oswald de Andrade*. 3ª. Ed. São Paulo: Globo, 2001.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1991.
- ARGAN, Giulio Carlo. “Modernismo”. In: *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leila Perrone-Moisés. 3ª. ed, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- _____. *O rumor da língua*. Trad. Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BARBOSA, João Alexandre. “Linguagem & realidade do modernismo de 22”. In: *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BOAVENTURA, Maria Eugenia. “Do órfico e mais cogitações”. In: ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. Pesquisa e organização. São Paulo: Globo, 1992.
- _____. “Os dentes de dragão de Oswald de Andrade”. In: ANDRADE, Oswald, *Entrevistas*. São Paulo: Globo, 1990.
- _____. “O projeto Pau Brasil: Nacionalismo e inventividade”. In: boaventura page online, www.unicamp.br.
- O salão e a selva*. Uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade. Campinas: Ex Libris – Unicamp, 1995.

- _____. *22 por 22. A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos.* (Org.) São Paulo: Edusp, 2000.
- BATISTA, Abel Barros. “O cânone como formação. A teoria da literatura brasileira de Antônio Candido” In: CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura e outros ensaios.* Lisboa: Ângelus Novus, 2004.
- _____. “Romantismo português e brasileiro: separação, exclusão”. *logovemos.* Revista de poesia [online], n. 1, março de 2004.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal.* Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. “O pintor da vida moderna”. In: *A modernidade de Baudelaire.* Trad. Suely Cassal. Seleção de textos de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *O Spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa.* Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo.* 2ª. Ed. Trd. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Sobre arte, técnica, linguagem e política.* Lisboa: Relógio d’Água, 1992.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de literatura portuguesa.* Lisboa: INCM, 1985.
- _____. “Mensagem”. In: *Revista Letras U. F. C.*, julho/dez. – jan./jun., 1985/86.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.* Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura portuguesa.* 33ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BRADBURY, Malcom e Mcfarlane, James. *Modernismo. Guia Geral 1890-1930.* Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRÉCHON, Robert. *Fernando Pessoa. Estranho estrangeiro. Uma biografia.* Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.
- BRITO, Ronaldo. “O trauma do moderno”. In: *Sete ensaios sobre o modernismo.* Rio de Janeiro: Funarte – Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983.
- BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda.* Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Vega, 1993.
- CAMPOS, Haroldo de. “Da razão antropofágica: a Europa sob o signo da devoração”. In: *Colóquio-letras*, n. 62, p 10-25, julho de 1981.
- _____. “Uma poética da radicalidade”. In: ANDRADE, Oswald. *Pau Brasil.* 8ª. ed. São Paulo: Globo, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira.* São Paulo: Martins, 1964.
- _____. *Literatura e sociedade.* Estudos de teoria e história literária. 8ª. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.
- CARDOSO, Marília Rothier. “Biografia e valor literário”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 6, 2002, p.186.
- CASAIIS MONTEIRO, Adolfo. “Identidade e diferença do modernismo português e brasileiro”. In: *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea.* São Paulo: Instituto de Estudos da Universidade de São Paulo, 1972.
- CASTRO, E.M. Melo e. *As vanguardas na poesia portuguesa do século XX.* Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- CIDADE, Hernâni. *O conceito de poesia como expressão da cultura. Sua evolução através das literaturas portuguesa e brasileira.* Coimbra: Arménio Amado – editor, sucessor, 1957.

- CHIAMPI, Irleamar (Org.). *Fundadores da modernidade*. São Paulo: Ática, 1991.
- COLÓQUIO LETRAS. Almada Negreiros – Mário de Andrade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 149/150, julho-dezembro, 1998.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis e modernidade*. Formas das sombras. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- _____. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul-americana, 1953.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2.a ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Ideologia: uma introdução.
- FABRIS, Annateresa. *O futurismo paulista: Hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Edusp - Editora Perspectiva, 1994.
- Fotobiografias século XX, Almada Negreiros*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2001.
- FRANÇA, José-Augusto. *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand, 1991.
- _____. *Amadeu & Almada*. Lisboa: Bertrand, 1993.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Da metade do século XIX a meados do século XX. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.
- GIL, José. *Portugal, Hoje. O medo de existir*. 4. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.
- GOMES, Renato Cordeiro. Que faremos com essa tradição? Ou Relíquias da casa velha. In: MARGATO, Izabel (org.). *Figuras da Lusofonia*. Instituto Camões, 2002.
- GUIMARÃES, Ana Paula. *As estrelas acessíveis*. José de Almada Negreiros: o corpo em palestra. Lisboa: Apenas, 2004.
- GUIMARÃES, Fernando. “Acerca da poesia de Almada Negreiros” In: *Colóquio-Letras*, nº. 60, p. 30-34. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- _____. *Artes plásticas e literatura: do Romantismo ao Surrealismo*. Porto: Campo das Letras, 2003.
- _____. *Os problemas da modernidade*. Lisboa: Presença, 1994.
- _____. *Simbolismo, Modernismo e Vanguarda*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1992.
- GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão / Vanguarda e subdesenvolvimento: Ensaio sobre arte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. Trad. Lawrence Flores Pereira, São Paulo: Editora 34.
- GUSMÃO, Manuel. “Anonimato ou alterização?” In: SEMEAR, Rio de Janeiro, n. 4, Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses – Instituto Camões – Puc- Rio.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HATHERLY, Ana. *O espaço crítico: do simbolismo à vanguarda*. Lisboa: Caminho, 1979.
- JARDIM, Eduardo. *A brasilidade modernista*. Sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. *Limites do moderno*. O pensamento estético de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- _____. *Mário de Andrade*. A morte do poeta. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

- JAUSS, Hans Robert. “Tradição literária e consciência da modernidade”. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996
- JUNIOR, Benjamin Abdala. “Ensaio de relações e relações comunitárias”. In: *Incertas Relações*. Brasil-Portugal no século XX. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- JÚDICE, Nuno. *A Era de “Orpheu”*. Lisboa: Teorema, 1986.
- _____. *Poesia futurista portuguesa*. Introd. selec. e notas. Lisboa: Vega, 1993.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. 2ª. ed.. São Paulo: Duas Cidades - 34 Letras, 2000.
- LISBOA, Eugénio. *Poesia portuguesa: do “Orpheu” ao Neo-Realismo*. Biblioteca Breve, ICAP, 1980.
- _____. *O Segundo Modernismo*. Biblioteca Breve, ICAP, 1977.
- LOPES Oscar e SARAIVA, António. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª. ed. Porto: Porto Editora, 1996.
- LOURENÇO, Eduardo. “Almada ensaísta?” In: NEGREIROS, Almada. *Ensaio*. Lisboa: INCM, 1992
- _____. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. “Dois fins de século”. In: XII Encontro de professores de literatura portuguesa. UFRJ, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação José Bonifácio – Fundação Brasil-Portugal, 1992.
- _____. “Cisão e busca de sentido em Pessoa”. In: *Revista Tabacaria*, nº. 2, Lisboa: Casa Fernando Pessoa - Contexto Editora, 1996.
- _____. “Em torno do nosso imaginário”. In: *Jornal de Letras*, ano XVII, n. 704. Lisboa, 1997.
- _____. *Fernando rei da nossa Baviera*. Lisboa: INCM, 1986.
- _____. *Heterodoxia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.
- _____. “O banqueiro anarquista”. *Jornal de Letras*, ano XVII. n. 694. Lisboa, 1997.
- _____. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: D. Quixote, 1988.
- _____. *Poesia e metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- _____. *Tempo e Poesia*. Porto: Editorial Inova, s.d.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7ª. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympo, 2002.
- MARQUES, A.H. Oliveira. *História de Portugal. Desde os tempos mais antigos até à presidência do Sr. General Eanes*. 12ª. ed. Lisboa: Palas, 1985.
- MARTINS, Wilson. *O Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- NEGREIROS, José de Almada. *Ensaio*. Lisboa: INCM, 1992.
- _____. *Ficções*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- _____. *Nome de guerra*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- _____. *Poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- _____. *Poesia*. Lisboa: INCM, 1985.
- _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- _____. *Textos de intervenção*. Lisboa: INCM, 1993.
- NEVES, João Alves das. *O Movimento futurista em Portugal*. Lisboa: Dinalivro, 2ª.ed. s/d.
- _____. “O modernismo revisitado”. In: *Estudos históricos*, v.1,n.2,1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. “A vontade de potência”. In: *Obras incompletas*, p.54.
- ORPHEU 1. Lisboa: Edições Ática, 1984.
- ORPHEU 2. Lisboa: Edições Ática, 1984.
- ORPHEU 3. Lisboa: Edições Ática, 1984.

- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Os filhos do barro. Do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PESSOA, Fernando. *Cartas de amor*. Org. de David Mourão Ferreira. Lisboa: Edições Ática, 1978.
- _____. *Correspondência 1905 – 1922*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Livro do Desassossego*. Recolha e transcrição de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Org. de Jacinto Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.
- _____. “O banqueiro anarquista”. *Jornal de Letras*, ano XVII. n. 694. Lisboa, 1997.
- _____. *Obras em Prosa*. Org. e Intr. de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- _____. *Obra Poética*. Org. e Intr. de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.
- _____. *Páginas de pensamento político - 1*. Org. e intr. de António Quadros. Lisboa: Publicações Europa-América, 1986.
- _____. *Páginas Íntimas e de Auto-interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho. Lisboa: Ática, s.d.
- _____. *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Org. de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978.
- _____. *Textos de Crítica e de Intervenção*. Lisboa: Ática, 1993.
- _____. *Ultimatum e páginas de sociologia política*. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão. Org. de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1980.
- PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 1993.
- PORTUGAL SÉCULO XX. Crônica em imagens: 1910-1920. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1999.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- QUADROS, António. *O primeiro modernismo português – vanguarda e tradição*. Lisboa: Publicações Europa América, s/d.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e anjo*. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
- SÁ-CARNEIRO, Mário. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SANTIAGO, Silviano. “Calidoscópio de questões”. In: TOLIPAN, Sérgio. (Org.). *Sete ensaios sobre o modernismo*. Rio de Janeiro: Funarte / Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983.
- _____. *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- _____. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- _____. “O cosmopolitismo do pobre”. In: *Margens, margénes. Revista de cultura n.2*, dezembro 2002.
- _____. “Suas cartas, nossas cartas”. In: *Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- _____. *Uma literatura nos trópicos*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*, 2ª. ed. Porto: Afrontamento, 1994.
- _____. (Org.). *Portugal: um retrato singular*. Porto: Afrontamento – Centro de Estudos Sociais, 1993.

SANTOS, Maria Irene Ramalho Sousa. “A poesia e o sistema mundial” IN: SAPEGA, Ellen. *Ficções modernistas: um estudo da obra em prosa de José de Almada Negreiros (1915-1925)*. Lisboa: ICALP, 1992.

_____. Fernando Pessoa e Almada Negreiros: reavaliação de uma amizade estética. *Colóquio-Letras*, no. 113-114, janeiro-abril de 1990, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 169-172.

SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo português e modernismo brasileiro*. Subsídios para o seu estudo e para a história de suas relações. Porto, s.n., 1986.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas*. Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Iluminuras – Edusp – Fapesp, 1995.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. (org.) *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. (org.) *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SILVA, Celina. Almada Negreiros – *A busca de uma poética da ingenuidade ou a (re) invenção da utopia*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1994.

_____. *A descoberta como necessidade*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.

_____. “Mnémon: (Re) Efabulando uma pátria querida. Leitura relance sobre Histoire du Portugal par coeur”. *Colóquio-Letras*, nº.120, p. 65-77. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da Silveira. *Maio de 61. Poesia*. Lisboa: INCM, 1986.

_____. “Discurso/Desconcerto. Alguns nós na literatura portuguesa”. *Revista PaLavra*, nº.3, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 1995.

SUSSEKIND, Pedro. “Schiller e os gregos” *Kriterion* [online]. 2005, vol. 46 nº. 112.

TELLES, Gilberto Mendoça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

TOLIPAN, Sérgio. “Sociedade e modernização”. In: *Sete ensaios sobre o modernismo*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. 3ª. ed. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1995.

VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1991.

WISNIK, José Miguel. *Sem receita. Ensaio e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.

Anexos

Entrevista a Eduardo Lourenço

Modernismo português e modernismo brasileiro: que diálogo?¹

1 – Modernismo português e modernismo brasileiro

Madalena Vaz Pinto: O modernismo dá-se em momentos diferentes da história dos dois países: o Brasil dá-se conta da sua dimensão e potência enquanto Portugal, ex-império, ajusta-se à sua pequenez forçado pela ferida exposta do Ultimatum. Portugal precisa de aprender a gerir o passado enquanto o Brasil percebe-se como “país do futuro”. Que consequências esta diferença de “tempos” teve para cada um dos movimentos?

Eduardo Lourenço: Não é de excluir que as expressões culturais que nós chamamos “modernismo”, em Portugal e no Brasil relevem de “tempos” históricos diversos. Em Portugal no que, retrospectivamente, adquiriu um perfil mítico, digamos “depressivo” em termos de auto-estima nacional (Ultramarina) e no Brasil de um tempo euforizante ou percebido como de “decolagem” em relação ao mais arcaizante e ainda pouco europeu, do Império dos primeiros anos da República. Contudo, isso nem explica que a ambos os “movimentos” se aplique o mesmo conceito (como aliás se aplicou antes em Espanha e não revela da mesma vontade “revolucionária”, quer dizer de ruptura clamorosa com a poesia anterior), nem que a analogia da designação incite a aproximar “o modernismo” português e o “modernismo” brasileiro. Mais interessante me parece sublinhar em que é que ambos são diferentes e só por analogia extrínseca, expressões de uma mesma ou virtual modernidade.

O “modernismo” português é “futurante”, é revolucionário na forma como “sencionismo” e “futurismo”, mas simbolista e ultra-simbolista na visão e no fundo. Não tem leitura fora da revolução poética que vai de Baudelaire ao Futurismo, passando por Mallarmé. E em si nada tem de “nacionalista” no sentido tradicional do termo. O nosso “modernismo” é, ideologicamente equívoco e complexo mas pouco tem que ver com o “progressismo” político e social de que a então jovem República se queria

¹ Os parêntesis, sublinhados e aspas são da responsabilidade de Eduardo Lourenço.

exemplo, em oposição ao “*ancient régime*” monárquico. O nosso “modernismo” oscila entre uma nostalgia intemporal de paraísos perdidos ou futuros (Pessoa) e celebração dos tempos novos de beleza e fascínio desconhecidos dos antigos. Parece-me que o “modernismo” brasileiro releva de um “voluntarismo” e um radicalismo tipicamente provocatórios, de essência anti-européia, destinados a por o Brasil e a sua cultura (idealmente) no ponto 0 da sua História. O “modernismo” brasileiro foi, (na medida do possível) a verdadeira carta de Vaz de Caminha. O famigerado canibalismo cultural exemplificado pela exaltação da antropofagia, mesmo contando com o humorismo da atitude, traduz bem a essência do “modernismo” brasileiro que não tinha milhares de anos para rejeitar, mas apenas uma cultura herdada de Portugal e só com excepção comparável com ela. Só a língua escapou a esta vontade de “regresso” a origens que nunca existiram (salvo a Índia) mas a vontade de se separar dela ou de a renovar a fundo, e o que trouxe consigo, “performances” indiscutíveis (Oswaldo, Mário de Andrade) – basta para separar a pulsão do nosso “modernismo” da do “modernismo” brasileiro.

2 – Que revolução “Pessoana”?

MVP: No texto “Da literatura como interpretação de Portugal” o sr. afirma: “Entre outras coisas o modernismo português – e em particular o representado por Fernando Pessoa – desejou ser não apenas invenção e recriação de uma nova sensibilidade e visão da realidade (aquela que o mundo moderno estava pedindo), mas igualmente uma metamorfose total da imagem, ser e destino de Portugal”. Como se conciliariam em Pessoa o desejo de criação e invenção de uma nova sensibilidade e a metamorfose da imagem de Portugal, com a sua rejeição do espírito da Modernidade?

ED: Vendo bem o que Pessoa queriaera revolucionar o conceito mesmo da Realidade, fosse ela “antiga” ou “moderna”, ou melhor, fugir ao que chamamos “Realidade”. O que ele foi foi o primeiro habitante de um mundo de pura virtualidade. Aquele que, paradoxalmente, se está convertendo para nós, apenas cinquenta anos após a sua morte, no nosso mundo “real”.

3 – Almada Negreiros

MVP: Na sua opinião o modernismo português, ao contrário do brasileiro, estava ainda muito preso à névoa simbolista. Mas Almada encaixa-se mal nesta definição dada a sua

atitude afirmativa, a potência de suas intervenções e, sobretudo, seu envolvimento no projeto de criação da nação portuguesa do séc. XX. Afinal não era do que precisávamos para sair do “sebastianismo alcoólico à beira-mar?” Como se explica que seu exemplo tenha encontrado tão pouco eco na cultura portuguesa, fora do campo das análises da sua obra propriamente dita? Não era esse conceito de obra que Almada queria ultrapassar em suas aparições de “corpo inteiro”?

ED: O caso de Almada, ao menos no que diz respeito à “Literatura” ainda não foi tão explorado como o de Pessoa. De algum modo é ele e ele só o nosso autêntico Modernista. (Com Mário de Sá-Carneiro e um “virtual” Pessoa). Ele é o homem do sim ao que existe ou deve existir numa mistura rara de nietzschianismo e cristianismo. Tem um sentido do concreto (da forma) que era de todo alheio ou indiferente aos outros companheiros da geração.

4 – Modernismo português, modernismo brasileiro

MVP: Segundo a sua opinião, o que caracteriza o modernismo brasileiro e se constitui como segunda natureza do Brasil”, é a sua “estrutura cultural eufórica”. Trata-se da mesma percepção que tem Antonio Candido ao afirmar que a originalidade do modernismo brasileiro foi o seu sentimento de triunfo, relacionado com a libertação de uma série de recalques históricos, sociais e étnicos trazidos à tona da consciência literária e convertidos em superioridades. Os dois concordam que a partir desse momento se dá uma profunda alteração na relação entre os dois países mas diferem na opinião que têm dela: se para si se trata de uma rasura: o Brasil “rejeitava com a água do banho a criança colonial e escrava que fora durante séculos”, Antonio Candido vê aí o “fim da posição de inferioridade no diálogo secular com Portugal” marca da originalidade do modernismo brasileiro. O que pensa da opinião de Antonio Candido?

ED: Na resposta à primeira questão já disse o essencial. Creio que as nossas duas opiniões acerca do modernismo brasileiro (a de Antonio Candido e a minha) não são inconciliáveis. Como português sublinhei a “morte do pai” que para mim representou, mas compreendo que é uma “dor de pai” (abusiva) a que se exprime ainda nesse diagnóstico que merece ser aprofundado. Antonio Candido terá razão em ver nele o “fim da posição de inferioridade cultural” representado pelos brasileiros em relação à herança cultural. Só os brasileiros são “sujeitos” dessa opinião e por isso “actores” de uma rejeição ou reivindicação de igualdade cultural que vendo bem nunca ninguém lhes

negou. De que “inferioridade cultural” no diálogo (raro, mas real) com Portugal, se podia queixar um Machado de Assis? E hoje da admiração incondicional que nos merecem os Guimarães Rosa, as Clarice Lispector, os Carlos Drummond de Andrade etc?

5 – Apesar do “divórcio modernista”

MVP: Há uma corrente pró-lusitanista que se desenvolve a partir da geração de 30, principalmente com Gilberto Freire. O próprio Oswald de Andrade, em seus últimos textos, faz a defesa da colonização portuguesa em comparação à inglesa ocorrida nos Estados Unidos: “aqui não sofremos ainda a interferência deformadora dos grandes *parvenus* da era da máquina. Ao contrário, entre nós alastrou-se e criou raízes em coordenadas de superior inteligência humana, a característica civilização luso-tropical que nos ensinou a igualdade prática das raças e boa vontade como elo do trabalho, da cooperação e da vida”.² Não é curioso que tanto o Oswald tardio como Gilberto Freire sejam autores mal vistos pelo pensamento uspiano?

ED: Conheço mal essa querela brasílica – brasileira, mas parece-me significativa. Na “invenção” do Brasil, – uma vez levada a cabo – mesmo o passado que foi necessário “matar” para readquirir o estatuto da modernidade plena, seria fatal que o recalcado pelo nacionalismo modernista viesse um dia a ser reivindicado. Tanto pior para a USP....

6 – Brasil e o redescobrimento

MVP: Em 2000, quando se comemoraram os 500 anos do descobrimento do Brasil, o nome escolhido para a série de eventos Brasil afora foi “BRASIL + 500 ANOS A mostra do redescobrimento”. O nome diz tudo: O Brasil, que não comemora a sua descoberta, país sem pai, sem presente nem passado, em perpétuo começar. Curiosamente, as comemorações da chegada da corte ao Brasil, em 2008, estão a ser tratadas com grande entusiasmo e empenho pelo governo brasileiro. Estará o Brasil a caminho de rever a rasura de Portugal no seu imaginário? Será ele decorrência do movimento maior de revisão da história a que agora se assiste, em que se discute a integração efetiva de outros grupos sociais como o negro e o índio?

² Oswald de Andrade, “Aqui foi o Sul que venceu. In: *Ponta de lança*, São Paulo: Editora Globo, 1991, p. 73.

ED: Já em tempos comentei o “impasse” brasileiro por ocasião das (não) comemorações da Descoberta. Mudam-se os tempos...

O que é novo é que o Brasil (que emigra) descobre o antigo ninho fraterno em nós. É um progresso. Creio que com o tempo o Brasil nos “integrará”. Nos “saudará”: eles integrarão o “tempo português” deles e nós o brasileiro, deles e nosso...AMÉN!

Vence, 20 de fevereiro de 2007

Entrevista a Silviano Santiago

Modernismo brasileiro: que retrato do Brasil?

1 – Estética e política

Madalena Vaz Pinto: Nos balanços que fizeram do movimento modernista, Mário de Andrade e Oswald de Andrade reconhecem que não participaram no “amilhoramento político-social do homem”. Isto, todavia, não impede que continuem a ser uma referência, apesar do conselho de Mário de Andrade de que não deviam servir como exemplo mas como lição. Em sua opinião essa “força fatal” exercida pelos modernistas de 22 estará mais relacionada com suas realizações ou suas falhas?

Silviano Santiago: A “força fatal”, de que fala Mário de Andrade no primeiro balanço do Modernismo, em 1942, se refere mais ao movimento artístico, do que ao próprio andamento do Homem no planeta e do brasileiro durante os vinte anos da vigência do modernismo. É bom não exagerar pela negativa; houve, sim, um “amilhoramento político-social” – não do Homem, naquela época em particular, porque o mundo estava tomado pelo nazi-facismo e o país pela ditadura Vargas – mas do país enquanto nação rural que se modernizava pela urbanização. Haja vista que entre 1922 e 1942, deu-se por terminada a República dos Coronéis (a República Velha) e houve uma indispensável modernização e racionalização do Estado brasileiro. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, em 1932, é de capital importância na educação nacional. Que o primeiro movimento de modernização e racionalização do Estado brasileiro tenha dado com os burros nágua, ou seja, na ditadura Vargas, isso não impediu que o processo conseqüente de democratização do país, a partir de 1945, não nos possibilitasse poucos anos e alguns passos de liberdade, úteis no aperfeiçoamento das instituições e na aceleração do progresso industrial. O exemplo que se dá é o do governo Juscelino Kubitschek, seguido infelizmente por uma nova ditadura em 1964, agora militar, que de novo atrasará de alguns anos a nação. Uma vez mais, a partir da *abertura* (década de 1980), estaremos frente a um movimento de redemocratização, cujo ápice está no processo de *impeachment* do Presidente Collor.

Por esse rápido esboço, pode-se chegar a duas conclusões. A primeira: qualquer noção e vontade coletiva de “avanço”, no caso do Brasil e de muitas nações periféricas, são sempre torpedeadas por reações conservadoras e ditatoriais, que deixam as suas marcas

na esfera pública e, principalmente, na esfera privada (refiro-me, em particular, às famílias dos ativistas que são perseguidos e algumas vezes assassinados). A segunda conclusão diz que não há como acreditar que movimentos de nítido teor artístico possam se substantivar, sem inúmeras mediações, nas transformações econômicas e sociais duma nação. O artista no poder? Pode ser uma utopia, mas é sem dúvida um desastre. O artista colabora – com a dramatização dos eventos no plano da realidade simbolicamente estruturada – para a melhor reflexão dos concidadãos, entre estes estão tanto a elite dominante quanto a classe média, grupos alfabetizados, e ainda, indiretamente, as classes populares analfabetas. Só neste último caso é que se justifica o ativismo, desde que o intelectual não queira alçar à condição de porta-voz do povo, mas que abra espaço para que este se manifeste.

2 – Brasil luso-afro-europeu

MVP: Em novembro de 2002, em entrevista ao Espaço Aberto da Globo News, o escritor angolano José Eduardo Agualusa afirmava que um dos aspectos mais chocantes para um africano ou afro-americano ao chegar ao Brasil era constatar que a classe negra estava ausente dos centros decisivos do poder e não constituía mais que uma ínfima parte da classe média brasileira. Em seu texto intitulado “Oswald de Andrade ou: elogio da tolerância étnica” o Sr. alerta para os perigos de acreditar que o passado colonial brasileiro se resolveu na democracia racial. Segundo a sua opinião, qual a relação entre democracia racial e miscigenação? Será o povo brasileiro um povo miscigenado sem democracia racial? Porque o Brasil se modernizou sem levar adiante o projeto de inclusão social? Onde ficou o sonho de tolerância étnica de Oswald de Andrade?

SS: Alguns estrangeiros costumam cobrar da nação que visitam resultados fabulosos que só existem na cabeça deles. Seria maravilhoso que o mundo fosse maravilhoso. Nisso estou de acordo com José Eduardo Agualusa. Infelizmente, não é. A história nos ajuda a acalmar a ansiedade ditatorial que todo bom intelectual traz escondidinho no mais profundo do coração, redirecionando-a à reflexão que, por sua vez, nunca deve perder a esperança, ou seja, a meta utópica.

Não falarei das nações africanas, pois é matéria que desconheço.

Falarei dos africanos nas Américas. As questões levantadas são complexas e não comportam solução fácil e rápida. Nem nos Estados Unidos da América e muito menos na Europa, encontramos soluções fáceis e rápidas para problemas étnicos que se

mesclam aos problemas econômicos, gerando na população um potencial de intolerância dramático ou trágico e, às vezes, insuportável. A coincidência de dinheiro (em excesso ou em falta) e etnia sempre foi um entrave para certos governos nacionais. De um lado, você tem, por exemplo, a questão judaica a partir dos anos 1930, que redundou, em território europeu, no Holocausto e na grande guerra e, a partir dos anos 1970, tornou-se questão central nos vários e sucessivos conflitos do Oriente Médio. Do outro lado, você tem as nações americanas (Estados Unidos *y inclus*), onde o desenvolvimento econômico rural foi feito à custa do trabalho escravo do africano. Durante a Segunda Grande Guerra, o fato de afro-americanos serem recrutados e terem de lutar pela “liberdade” alheia, na Europa, era um escândalo, já que no próprio país eram cidadãos de segunda categoria (*second class citizens*). Dessa época é que data a teoria do *melting-pot* (Somos todos terceira geração, afirmou Margaret Mead, igualando a todos, europeus e africanos, por serem cidadãos imigrantes), cujo evidente objetivo era o do recrutamento militar “justo” do cidadão (?) afro-americano. O melhor exemplo de *melting pot* era dado na Universidade de Columbia pela leitura do nosso Gilberto Freire. Entre nós, foi decretada a lei Afonso Arinos contra a discriminação racial (1951). Tanto ao norte quanto ao sul do Equador, tratava-se de uma farsa cultural, “simpática” não há dúvida, até mesmo porque Hitler, na sua proverbial imbecilidade, em 1936 tinha recusado a cumprimentar em Berlim o recordista negro Jesse Owens. Mas entre o simpático e o efetivo vão léguas e mais léguas de estrada a percorrer.

Trazendo o problema para o presente, observe-se que, para diminuir a defasagem econômica e política entre caucasianos e africanos nos Estados Unidos, foi criado o programa que se tornou conhecido como o da “ação afirmativa” (década de 1950). No governo Lula está se propondo um movimento semelhante para o Brasil. Nos Estados Unidos, não houve grandes dificuldades na implantação da ação afirmativa, visto que a sociedade norte-americana era dada *a priori* como uma sociedade racista, e o era, pois os afro-americanos eram desde sempre cidadãos de segunda categoria.

Vivi naquele país entre 1962 e 1974 e, portanto, pude acompanhar os vários estágios por que passou o programa. Posso mesmo dizer que o maior intelectual afro-brasileiro do século 20, Abdias do Nascimento, que estava sem emprego e auto-exilado em Nova Iorque depois da ditadura de 1964, foi contratado, em 1971, pela State University of New York at Buffalo graças ao programa de cotas. Hoje ele é Professor Emérito daquela Universidade. A pergunta que faço é a seguinte: sem a oportunidade que lhe foi

dada pela ação afirmativa nos Estados Unidos teria sido Abdias do Nascimento senador na República brasileira?

No Brasil, há enorme grita porque o país é dado como tendo uma democracia racial. Gilberto Freire fala de “corredores de fraternidade”, que uniam a casa-grande à favela. Ora, a democracia racial de que se fala tanto é a da ausência de entraves político-sociais ao afro-brasileiro letrado - e nisso somos diferentes dos norte-americanos. No que toca ao afro-brasileiro carente e muitas vezes analfabeto pouco tem sido feito. Portanto, sou a favor de um programa *semelhante* ao da ação afirmativa. Não sei se ele seria implantando aqui, no ensino universitário, por um sistema de cotas. Acho que compete a nós, a todos nós, trabalharmos em busca de uma solução que seja compatível com as seqüelas muito próprias que a grave questão da escravidão nos legou.

De qualquer forma, acho estranho que todos esses defensores da mulataria brasileira, para ficar com a expressão cara a Mário de Andrade, todos esses defensores do *hibridismo* como impulso à solução de problemas de caráter racial, sejam no fundo tão conservadores quando se fala de uma possível *hibridização* no corpo discente da universidade. Para dizer a verdade, a nossa universidade não é tão sensacional assim, e quem sabe se não seria interessante passar por um período traumático, em que teria de ser repensada, não segundo padrões hegemônicos universais e muitas vezes caquéticos, mas segundo a emergência de novos parceiros, relativamente despreparados sem dúvida, mas dotados de enorme vontade de vencer na vida.

Uma das coisas mais fascinantes que observei na minha estada nos Estados Unidos é que o afro-americano, tão logo aceito pela universidade, tornava-se um ótimo estudante, e mais estranho, tornava-se um neoconservador. A propalada violência dos africanos nas Américas é muito mais consequência da situação miserável em que vivem nos guetos. Uma boa e sólida educação ajudaria a resolver a questão da violência urbana, em particular por parte das populações miseráveis. Os brancos, amestrados pela modernidade, é que são, por definição, predadores. Tenho saudades da cientista social e ativista negra Lélia Gonzalez, prematuramente falecida. Ela sabia bem que o afro-brasileiro, bem ou mal instalado na vida, melhor se bem instalado, sempre respeitará o saber dos mais velhos, é da sua cultura, é da sua tradição.

3 – Rasura de Portugal

MVP: É conhecida a frase de Antonio Candido que aponta o Modernismo brasileiro como o momento de ruptura entre Brasil e Portugal: “Na literatura brasileira, há dois

momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: O Romantismo, no séc. XIX [...] e o ainda chamado modernismo, no presente século. [...] Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente”. (A. C. Cultura e sociedade, p. 112). É uma afirmação que parece desconhecer toda uma estratégia de emancipação de que o abasileiramento da língua brasileira era o sinal mais evidente. Se é compreensível que um projeto de modernização no Brasil passasse por uma rasura, posteriormente revogável, do diálogo com a nação colonizadora, é inaceitável acreditar na possibilidade de eliminar, por um ato de vontade, uma história comum. Devemos entender este desejo como expressão de um mal-estar do Brasil em relação a Portugal, responsável pela rasura de Portugal no imaginário brasileiro contemporâneo?

SS: Não acredito que se trate de um “ato de vontade” dos brasileiros, do artista e do intelectual brasileiro, não acredito que, entre nós, haja “rasura” da metrópole colonial. Acredito, antes, que se trate de um problema de *sintonia*, desejo de sintonia com, desejo que tem o artista e o intelectual de entrar em sintonia com grupos que lhes parecem mais próximos e mais desejáveis, e mais substantivos em termos de aperfeiçoamento (já que estamos falando de problemas tipicamente coloniais ou pós-coloniais). Impera o desejo de selecionar – assim como diante de um aparelho de televisão, selecionamos este canal por ser mais caro à nossa sensibilidade e inteligência e desprezamos aquele outro por estar pouco afinado com as nossas demandas atuais.

Houve, portanto, no decorrer da história cultural (ou literária) brasileira processos de superposição de camadas estrangeiras, que são determinados por interesses *divergentes* – e não mais convergentes – dos artistas e dos intelectuais. Como dizer que há rasura de Portugal no imaginário brasileiro contemporâneo, quando para os brasileiros letrados o maior romancista da língua portuguesa – muito antes do Prêmio Nobel – é José Saramago (que alguns discordem, fica óbvio, é normal – como disse Nelson Rodrigues, a unanimidade é burra)? Não é Saramago o objeto do próximo filme de Meireles, que nos deu o premiadíssimo filme sobre a Cidade de Deus? Como dizer que há rasura, quando para os brasileiros o poeta moderno mais citado é Fernando Pessoa? Entre meus amigos e nas diversas palestras que dou, Fernando Pessoa é sempre lembrado.

Duas questões. Não estamos acostumados, na história das idéias, da cultura e da literatura, a tratar os problemas de *sintonia*. Preferimos, antes, recair no velho chavão de

impacto e influência segundo os padrões da cópia, da imitação. No pensamento pós-colonial, a sintonia é uma reação ao impacto (de outra cultura, de um outro autor, nacional ou estrangeiro). Essa reação, no entanto, não conduz necessariamente à aceitação da influência do outro sobre si mesmo, mas antes – como o próprio verbo sintonizar o diz – a uma conversa. A uma negociação. Seria também o caso de se perguntar se Portugal tem sido atento ao pedido de negociação que vem dos artistas e dos intelectuais brasileiros.

Segunda questão. A divergência é um dos fatores mais importantes na análise da modernidade. Os próprios vanguardistas europeus de repente tiveram o desejo de entrar em sintonia com a arte africana. Nada mais estranho, nada mais rebuscado, nada mais *far-fetched*. No entanto, é uma verdade histórica, e das mais felizes para o bom andamento da arte europeia. Isso quer dizer que promoveram uma “rasura” na fantástica tradição ocidental? Não acredito. Uma nova camada de saber, uma sabença, como diria Mário de Andrade, estava suplementando um saber (erudito e estético, no caso) que já se dava como se esgotando, ou já esgotado. O modernismo brasileiro viveu *pelo avesso* a busca de sintonia com a arte africana pelo artista europeu. Aprofundou-se na própria história nacional, para reencontrar aquelas manifestações que tinham sido rasuradas – estas, sim – pelo processo de colonização. Quiseram, os nossos modernistas, entrar em sintonia, por exemplo, com o barroco dos mulatos autodidatas mineiros. O barroco dito brasileiro das cidades históricas. Ou quiseram entrar em sintonia com os etnógrafos que levantavam os mitos indígenas. Isso quer dizer que estava havendo uma “rasura” da cultura portuguesa? Não acredito, até mesmo porque o barroco nosso – embora autodidata – “é” necessariamente português. Haja vista o trabalho de Aleijadinho em Congonhas do Campo. A cultura portuguesa passa a estar presente na cultura brasileira pelo hibridismo. Daí ter eu cunhado a noção de “entre-lugar”.

4 – Elipse versus redundância

MVP: Segundo a sua opinião, o escritor modernista foi elitista ao fazer da elipse o traço estilístico de sua escrita, só cativante para o leitor culto. Como alternativa o Sr. propõe a redundância, usada por exemplo por um escritor pré-moderno como Lima Barreto e que teria a grande vantagem de ser acessível ao leitor comum. Não lhe parece que esta questão pode ser vista por outro ângulo? O escritor modernista conta com o leitor para completar o sentido do que escreveu e, assim, divide com ele o sentido da sua obra, que não tem, a priori, um sentido fechado. Não seria esta uma postura mais democrática?

Não seriam as formas elípticas da literatura um espaço de reinvenção dos modos de falar, sentir e pensar que se transformam pela própria intervenção da linguagem?

SS: É sempre perigoso retirar uma idéia alheia do contexto que a gerou. A citação nunca é, em si, íntegra. A não ser, talvez, quando epígrafe de um outro livro. Mas neste caso é o próprio livro, de que passa a ser epígrafe, que se transforma em seu *novo* contexto.

A oposição que apresentei em artigo sobre Lima Barreto, visava a colocar – historicamente e num momento claro de *transição* do modernismo para o pós-modernismo – questões que eram prementes para os grupos de escritores mais jovens (friso: mais jovens). Estavam interessados em (1) se profissionalizarem, (2) terem leitores e (3) entrarem para a indústria cultural, ocupando lugar de destaque na lista de *best-sellers*. Tratava-se, portanto, de elaborar uma teoria que desse conta, através de exemplos do passado (Lima Barreto, no caso), como de repente um questionamento da estética modernista brasileira poderia ser feito, não por um movimento de imitação dos autores de *best-sellers* estrangeiros, mas por um movimento de *retorno* ao pré-modernismo, onde houve uma frutífera contaminação dos procedimentos dito elitistas da arte literária pelos procedimentos dito populares da técnica jornalística. Eis aí o contexto da idéia.

A oposição entre elipse e redundância tinha, portanto, a função de dar conta de um movimento (que não pertence ao meu próprio percurso, friso) que estava sucedendo na literatura brasileira, na passagem duma literatura para os *happy few*, para ficar com a célebre expressão de Stendhal, em direção a uma literatura para muitos. Poderia lembrar, ainda, o célebre dito de Oswald de Andrade: a massa ainda comerá do biscoito fino que fabrico. A massa jovem queria vender *imediatamente* os seus biscoitos, e por isso sabia que não mais os podia fazer tão finos assim. Os novos estavam querendo uma literatura para os que, apenas alfabetizados, se interessavam pela leitura, sem, portanto, o conhecimento da tradição literária ocidental. O citado ensaio – “Uma ferroada na ponta do pé”, escrito por volta de 1981 – tinha a função de dar conta de, e também queria ser uma ferramenta que pudesse ser utilizada pelos mais novos, a fim de que saíssem do beco estreito que se lhes configurava pelo único desejo de lucro das editoras. Qualquer manual de teoria literária nos explica que isso a que se chama de estilo pessoal (o estilo pessoal de Oswald de Andrade, ou de Guimarães Rosa, ou de Clarice...) são um entrave no primeiro momento da leitura. Muitos leitores – pouco habituados com a

leitura de livros de ficção – abandonam os livros no princípio ou ao meio porque o estilo pessoal do autor lhes parece um obstáculo intransponível.

Por outro lado e finalmente, não se esqueça de que sou também autor do romance *O falso mentiroso – memórias* e do livro de contos *Histórias mal contadas*. Para uma discussão ampla sobre elipse e redundância, preferia falar deles e não de uma citação dum texto de 1981, obrigatoriamente datada pelas circunstâncias e fora do meu percurso de criador. Não a desautorizo, até mesmo porque o novo milênio e os novos autores – pelo menos no Brasil – estão dando *menos* razão a mim, enquanto escritor, e *mais* razão ao raciocínio apresentado pelo crítico. Infeliz ou felizmente fui educado pela leitura de João Cabral de Melo Neto, dentro dos valores expressos pelo experimentalismo dos anos 1950. Tendo a ser, pessoalmente, a favor duma arte da elipse.

5 – Almada e Oswald

MVP: Como escreveu João Luiz Lafetá, romper com formas de dizer é romper com formas de ser e conhecer. Almada Negreiros e Oswald de Andrade parecem-me ser, dentro dos modernismos português e brasileiro, aqueles que inventaram novas linguagens e novos modos de ler a história, como em *Pau Brasil* e *Histoire par coeur*. Tendo em mente meu interesse na articulação não evidente dos modernismos brasileiro e português, não lhe parece a experimentação de Oswald e Almada um ponto de afinidade a ser pensado? Quer dizer que, modernistas portugueses e brasileiros, mesmo dando-se mutuamente as costas, vão ambos ao encontro de formas poéticas livres e coloquiais que poderiam abrir no futuro pontos de contato entre as duas literaturas. Será que isto aconteceu?

SS: (Não conheço bem a obra de Almada Negreiros para poder responder, como convém, a essa pergunta.)

6 – A disputa dos Andrades

MVP: Na herança deixada pelos de 22 parece existir uma disputa entre os que se identificam com Mário e os que se identificam com Oswald. É estranho, já que os dois pensamentos se completam: Mário mais sistemático e reflexivo; Oswald rápido e intuitivo. Não seria esta rivalidade uma defesa de território acadêmico mais do que uma questão para o legado modernista?

SS: A disputa tem história e essa história passa por São Paulo e pela USP. Sem dúvida, a morte prematura de Mário de Andrade e suas relações de parentesco e contraparentesco com eminentes professores daquela Universidade deram inicialmente lugar de proa a Mário de Andrade, até mesmo porque ele, como você diz, apresentava um “trabalho sistemático e reflexivo”. A história da disputa continua a ser escrita em São Paulo, onde Oswald tentou entrar na USP através de concurso público, não tendo tido experiência das mais felizes.

Parte dessa história se escreve também no Rio de Janeiro. Manuel Bandeira que tinha enorme amizade por Mário (veja a correspondência entre os dois) não morria de amores por Oswald (Drummond também não tinha grande admiração por ele, isso por causa de piadas de Oswald ainda em final da década de 1920). Quando convidado pela editora do Fondo de Cultura Económica, do México, para escrever uma história da poesia brasileira, história esta que seria seguida de uma antologia, Manuel Bandeira não incluiu poema algum de Oswald de Andrade. Em 1962, quando ensinei Literatura Brasileira na Universidade do Novo México, vali-me do livro que era o único que traçava uma excelente história da poesia brasileira e, além do mais, era fácil de ser adquirido pelos gringos logo ali no México. Lá não estava Oswald. E o curso foi dado sem a poesia de Oswald, mas com os manifestos dele. Isso porque eu era amigo de Alexandre Eulálio, então editor da *Revista do Livro* (do Instituto Nacional do Livro) e Alexandre adorava os manifestos de Oswald e lá os tinha publicado. Conheci os manifestos na publicação por aquela revista. Eu próprio, em 1962, professor, já se vê, tinha uma visão manca de Oswald.

Oswald de Andrade é uma aquisição tardia do modernismo brasileiro. Ele é basicamente produto da leitura que dele é feita pelo pessoal da poesia concreta e, posteriormente, pelo Teatro Oficina (José Celso) e por Tropicália (em particular, Caetano Veloso). Se não me engano, a primeira publicação das poesias completas de Oswald, com prefácio de Haroldo de Campos, se dá já na década de 1960 pela Editora Civilização Brasileira, onde trabalhava o Mário da Silva Brito, figura menor de historiador do modernismo, mas desde sempre amigo de Oswald. Não é por coincidência que os Campos encontram Brito na Civilização Brasileira.

Em 1971, quando escrevi o ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Oswald já era uma figura de primeira proa para mim. E continuou o sendo, ao lado de Mário de Andrade.

Nova história. Oswald entra literatura brasileira adentro pelas mãos nem sempre muito queridas dos poetas concretos. Lembro bem que, em 1972, conversava com o grande romancista Autran Dourado e ele tinha pavor da prosa de Oswald. A impressão que tive é que ele tinha mais pavor dos concretos (que quiseram torpedear a publicação dum livro dele pela Editora Perspectiva), do que de Oswald. Fenômenos assim acontecem com mais frequência do que a gente acredita. Portanto, para um brasileiro que viveu a segunda metade do século 20, a “rivalidade” tem história, e preferi contar – ainda que esquematicamente – essa história, do que insistir na briga entre acadêmicos. No meu caso, repito, os dois convivem amigavelmente. Suas palavras são justas e, por isso, as repito: “Mário mais sistemático e reflexivo; Oswald rápido e intuitivo”.

Rio de Janeiro, Setembro de 2006